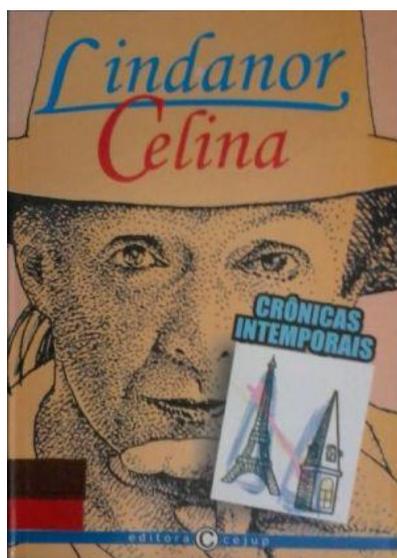


REVISTA  
SENTIDOS  
DA CULTURA



### A propósito das Crônicas Intemporais<sup>1</sup>

Reflexões sobre  
o irrisório da cronologia  
para avaliar os abismos do tempo  
ou  
o prurido do realismo  
para compenetrar a criação literária  
ou  
a classificação assassina  
para resolver o caos da gravidez conceitual  
ou  
as mentiras da datação  
para conhecer os fugitivos arcanos dos fundamentos  
dramáticos da vida

---

<sup>1</sup> *Crônicas intemporais*. Belém: Cejup, 2003

Estas crônicas, nascidas ou renascidas?, d'hoje, d'ontem, d'anteontem, d'amanhã?, cada uma um breve sempre pelas estradas do tempo-foi na esperança do tempo-será, no anelo de suspender o tempo, crônicas intemporais são.

Deixemos nosso espírito ser levado, elevado pelo poder criador da literatura. A crônica não é coluna social. O autor educa o leitor, ensina a beleza, sublima as aspirações, mostra os caminhos, exalta o humano e não bajula os instintos de facilidade e vulgaridade.

Querer tentar datar cada um destes trechos intemporais é como querer encontrar pessoas reais atrás de personagens de romance: tal corriqueirice apagaria a chama que guia o leitor pelo labiríntico caminhar acronológico da autora; seria falsificar a intenção de Lindanor Celina; seria rebaixar a verdade do fogo criador para o reles rés-do-chão da realidade; seria, ao raiar a alvorada, passar dos mistérios da luz para as cinzas da poluição mental que nos tapam a inteligência do coração, a intuição.

Se procuramos precisão de data é que não queremos estar em comunhão com a autora: perdemos a profunda universalidade do conjunto, situamo-nos à tona das águas de um lago sem vida, ao passo que Lindanor Celina nos convida a uma viagem interior.

Querendo se agarrar às realidades do tempo, perde-se a verdade da vida, a riqueza sem fim do comunicar e comungar com os outros e consigo mesmo.

Em termos simbolistas:

... Clamart inverno ... São Paulo primavera ... Skyros verão ... Lisboa março ... o trem das crônicas só para nas estações sem ano ... um mês aparece às vezes na paisagem ... em uma ou duas só o lugar.

Saibamos respirar os ares puros do intemporal, carregados de nossas paixões humanas. Sejam os fiéis ao convite de Lindanor Celina para nós conseguirmos um visto no passaporte de navegar pelos rumos do sem-tempo.

Serge Casha<sup>2</sup>

na noite do 27-28.III.03

---

<sup>2</sup> Serge Casha. Doutor em Letras pela Universidade de Sorbonne e professor de Literatura Brasileira na Universidade de Nanterre, França). Viveu com Lindanor Celina até sua morte, em Clamart, arredores de Paris, em 04 de março de 2003.